

EM FOCO

VOZ E DICÇÃO POÉTICA NAS
CARTAS DE ANTONIN ARTAUD:
RESENHA EPISTOLAR DO
LIVRO *A PERDA DE SI* (2017)

*VOICE AND POETIC DICTION IN ANTONIN
ARTAUD'S LETTERS: EPISTOLARY REVIEW
OF THE BOOK *A PERDA DE SI* (2017)*

*VOZ Y DICCIÓN POÉTICA EN LAS CARTAS DE
ANTONIN ARTAUDO: RESEÑA EPISTOLAR
DEL LIBRO *A PERDA DE SI* (2017)*

MARUZIA DULTRA

DULTRA, Maruzia.

Voz e dicção poética nas cartas de Antonin Artaud: resenha epistolar do livro *A perda de si* (2017).

Repertório, Salvador, ano 21, n. 30, p. **222-232**, 2018.1

RESUMO

Este texto é uma resenha em formato epistolar do livro recém-lançado *A perda de si: cartas de Antonin Artaud* (Rio de Janeiro: Rocco, 2017), cuja seleção, organização, prefácio e tradução são assinadas pela pesquisadora Ana Kiffer – tradução também de Mariana Patrício Fernandes. A obra integra a coleção *Marginália*, dedicada à publicação de suportes efêmeros à margem da literatura, como o nome sugere. Através de uma carta destinada a Artaud, assumo a voz de seus múltiplos interlocutores – editores, médicos, amigos, colegas e amores –, a fim de trazer ao leitor nuances da voz e da dicção poética do artista em suas epístolas, datadas de 1923 a 1948, cujos elementos vocais ressoam como glossolalias, rugidos, gritos, xilofonias e verbos ritmados – enfim, rumores e ranhuras da linguagem. Como lastro teórico, convido Kuniichi Uno (1980; 2012) para permear esta conversação, de modo a compor uma trama (não) filosófica. A forma de carta da resenha ressalta o intimismo trazido pelo próprio livro, ao tempo em que revela o lugar de minha voz enquanto pesquisadora nesta e desta escrita.

PALAVRAS-CHAVE:

Antonin Artaud. Voz poética. Carta. Resenha epistolar.

ABSTRACT

*This text is an epistolary format review of the recently released book *A perda de si: cartas de Antonin Artaud* (Rio de Janeiro: Rocco, 2017), whose selection, organization, foreword and translation (the last in collaboration with Mariana Patrício Fernandes) were done by the researcher Ana Kiffer. The work integrates the collection *Marginália*, dedicated to publishing ephemeral supports at the fringe – or margin – of literature, as the name suggests. Through a letter destined to Artaud, I take up the voice of his multiple interlocutors – editors, doctors, friends, colleagues and lovers – in order to bring to the readers nuances of his voice and poetic diction present in his epistles, dated from 1923 to 1948, whose vocal elements resonate as glossolalias, roarings, cries, xylophonias and rhythmic verbs – that is, the rumors and scratches in language. As a theoretical ballast, I invite Kuniichi Uno (1980; 2012) to permeate this conversation, in a way to compose a (non) philosophical fabric. The review's letter format emphasizes the intimate aspect brought by the book itself, as it reveals the role of my voice as a researcher of and in this writing.*

KEYWORDS:

Antonin Artaud. Poetic voice. Letter. Epistolary review.

RESUMEN

*Este texto es una reseña en formato epistolar del libro recién lanzado *A perda de si: cartas de Antonin Artaud* (Rio de Janeiro: Rocco, 2017), cuya selección, organización, prefacio y traducción está a cargo de la investigadora Ana Kiffer (con traducción también de Mariana Patrício Fernandes). La obra integra la colección *Marginália*, dedicada a la publicación de suportes efêmeros al margen de la literatura, como el nombre lo sugiere. A través de una carta destinada a Artaud, asumo la voz*

PALABRAS-CLAVE:

Antonin Artaud. Voz poética. Carta. Reseña epistolar.

de sus múltiples interlocutores (editores, médicos, amigos, colegas y amores), con el fin de traer al lector matices de la voz y la dicción poética del artista en sus epístolas, datadas de 1923 a 1948, cuyos elementos vocales resuenan como glosolalias, rugidos, gritos, xilofonías y verbos ritmados – en fin, rumores y ranuras del lenguaje. Como lastro teórico, invito a Kuniichi Uno (1980; 2012) para permear esta conversación, de modo que componga una trama (no) filosófica. La forma de carta de la reseña destaca el intimismo traído por el propio libro, al tiempo en que revela el lugar de mi voz como investigadora en este y de este escrito.

A bordo, 04 de março de 1948

Estimado Nanaqui,

(Se assim me permite chamá-lo, Antonin Artaud, para lhe lembrar do gosto do afeto pueril...)

Li as suas cartas. Ao longo do tempo em que as vi chegando, fui percebendo uma *transfiguração* (ARTAUD, 2017, p. 69),¹ aliás, várias. Muitas vezes quis interceder em seu processo, mas entendia que não cabia a mim mudar o curso dessa história, a sua, essa bela história de criação vivífica. Por outro lado, perante o seu sofrimento mais pungente, entendi também a dureza de sua realidade – e, por isso, algo deveria fazer sim, eu, que me sinto tão impotente para os tratos mais simples de minha própria vida. Assim, resolvi finalmente lhe responder, não sei se tarde demais, mas é que esses 25 anos de correspondência recebida desenharam para mim um panorama extremamente singular e praticamente intocável, a singularidade de uma vida tecida entre a dor e a paixão, à qual pretendo reverberar nesta carta – talvez tardia, repito, que escrevo *como um poema que será dedicado a você*. (p. 113)

Tento imaginar o quanto esperou por esta resposta, mas sei que o que minha imaginação alcança não é nem o vislumbre do que realmente se passou em seu (a)guarda-carta... Porém sempre soube que meu silêncio não seria obstáculo para

1 Nesta e nas demais citações diretas de Antonin Artaud (2017), as aspas foram substituídas pelo itálico para manter o fluxo da escrita no formato criado, a resenha epistolar, o que justifica também a adaptação no sistema autor-data – neste caso, o número da página entre parênteses corresponde à referência então omitida: (ARTAUD, 2017). Muitas das passagens citadas foram adaptadas de modo a compor a voz do remetente ficcionado, que, propositalmente, acaba por se confundir com o corpo de escrita do próprio Artaud. As citações das outras fontes seguem rigorosamente as normas da ABNT.

nossa troca, pois você sempre me fez crer que, entre nós, há um elo misterioso e invisível, algo que você alimentou mantricamente ao longo desse período, crendo, por sua vez, em minha atenta escuta.

Você fez variar o interlocutor, convocando personas diversas: Jacques Rivière, Alexandra Pecker, Dr. Allendy, Anaïs Nin, Jean Paulhan, Dr. Leon Fouks, Dr. Gaston Ferdière, Dr. Jacques Latremolière, Dr. Jean Dequeker, Hans Archtung, André Breton, Fernand Pouey, Wladimir Porché, René Guilly, R.P. Laval e Paule Thévenin. No entanto, perseguiu o corpo do pensamento e o pensamento do corpo com o mesmo, o mesmíssimo visionarismo em todas as epístolas que tenho em mãos. Sinto muito que tenha precisado cravar na carne sua incessante busca, mas me pergunto se teria sido possível tocar nas zonas limítrofes em que tocou se não estivesse em carne viva. Gostaria de saber sua opinião. (Embora desconfie.)

Para facilitar a compreensão da resposta (ou por mera comodidade minha), escreverei por ordem cronológica dos fatos e ideias que me relatou, embora eles se misturem por tantas vezes que me esvaziam a pretensão de qualquer organização. Olhando de uma só vez para tudo o que me escreveu, é como se eu estivesse mergulhando na noite, na (des)ordem de uma narrativa onírica – ou, talvez, como já me disse: *não na hipotermia do sonho, mas na febre de uma dor acordada, não na liquefação de um surrealismo psíquico, mas no traumatismo corporal de uma vida que soube ela mesma balançar-se suficientemente para enfim explodir em surrealidade.* (p. 147-148)

Pois bem: você me inaugura esta relação lá pelos anos 1920, com o pesar de não publicar seus poemas. Em verdade, eu os publicaria, não interessasse o mercado editorial e essa coisa toda de comércio, o que me envergonha, afinal isso não deveria ser tema, muito menos critério para a literatura. Sua poesia, como sabe, é *o grito da vida mesmo* (p. 37), e, sendo assim, para a vida deve retornar. Portanto, seus escritos pedem ouvidos e corpos agudos para o que intui, resultado do método que tateia com entusiasmo, como me segredou: *Quando eu encontro um verso eu o recito em voz alta para verificar e experimentar seu ritmo e o corpo de suas sonoridades internas.* (p. 98-99)

Sim, tenho em mim a certeza de que há um público destinado a você, à sua obra, mas não sei se este que pretendeu com sua transmissão radiofônica “para acabar com o julgamento de deus”, *toda essa gente que ganha a vida com o suco sangrento dos seus braços*. (p. 167) Há uma força que emana de seu sofrimento que deve ser compartilhada, mesmo que ainda não haja olhos e ouvidos suficientes para ela. Devo pedir perdão se nem mesmo os meus lhe foram o bastante, pois em certo momento pensei que você deveria varrer toda a estranheza de sua poesia para que pudéssemos publicá-la.

Escutei a sua súplica em querer ter *o direito de continuar pensando, em verso ou em prosa* (p. 24), e confesso que muitas vezes senti a tentação de publicar seus escritos epistolares – ah, as tentações... Eu também as tenho! Então, tendo sido seu mudo correspondente ao longo desses anos, conheci você aos *pedaços (escritos!)* (p. 146) e me pareceu natural querer dar-lhes um corpo, *mostrar as feridas de sua luta* (p. 148), embora você acredite que *viver é perder o seu corpo*. (p. 114) Foi com essas cartas, pois, que vi, lá no início, o autor por vir no aspirante a poeta que era...

Se não apenas na edição, mas também na medicação precisei me indispor com seu espírito e seu corpo, foi porque a Medicina mental ainda não estava à altura de compreender seu sofrimento a ponto de *deixá-lo trabalhar* (p. 100), como implorou tantas vezes. Poucos seres tiveram tamanha clareza como você sobre a condição humana, ainda mais quando padecida por um *mal*.² (p. 22) É admirável que tenha dissertado sobre os mais mórbidos acontecimentos que lhe acometeram, tanto quanto o é que tenha tecido *sua insuportável dissertação* (p. 137) acerca dos *tumores da sociedade atual*. (p. 135)

Tudo isso está imbuído em sua presença forte e precária, bela e temível, tamanha que erodiu seu próprio pensamento, levando-o ao apagamento das imagens possíveis. Você me disse: *Eu não tenho razão para procurar minhas imagens. Eu SEI que eu não encontrarei jamais minhas imagens*. (p. 50) Nisso, há duas vertentes que quero destacar.

A primeira é que tal erosão é causa ou efeito – ? – do deslocamento de você mesmo, quando me escreveu como “Antonin Nalpas” (p. 84-89), filho perdido de

2 Vale destacar a observação que fazem as tradutoras: “O autor utiliza a palavra em francês *maladie* cuja tradução corrente e usual para o português seria *doença*. Mas vale ressaltar que em algumas passagens se escolherá a palavra *mal*, posto que a palavra *doença* tem seu sentido exclusivamente comprometido com todo o aparato médico-legal que a sustenta e, ao mesmo tempo, perde em português o prefixo *mal* que se mantém em francês. Tal prefixo é crucial para entender as associações que o poeta fará entre as associações de *mal*, *maladie* e *malheur*, em português, respectivamente, *mal*, *doença* e *sofrimento*. Assim como todas as associações que advêm do mal, do maldito e do maldizer que, como o leitor verá, atravessam a obra do poeta.” (Nota de tradução, ARTAUD, 2017, p. 22)

José e Maria, irmão de Germaine. Estava à procura deles. Estava descolado de “Artaud” por causa dos eletrochoques – os quais eu quis como antídoto, mesmo que você incessantemente me escrevesse argumentando o quão venenosos eles lhe eram. Me comoveu o relato de que era *como um morto à procura de um vivo que já não é ele* (p. 99-100), que já não estava mais lá, nem aqui ou acolá. Peça que me perdoe, mais uma vez, se ainda houver em seu coração espaço para esta generosidade, ao lado do ódio que passou a sentir pelos homens.

Fiz-lhe crer na *Teoria dos Trigramas* (p. 94), aliás, foi você quem me fez. Você tinha razão em achar que *um dia eu teria a tentação de querer lhe asilar como alienado e lhe tratar* (p. 94), e assim ocorreu (de novo, as tentações...). Não fui capaz de me “orientalizar” o suficiente para me deixar acreditar na Teoria, quando me disse estar tomado pelos *fantasmas da magia e enfeitiçamentos*. (p. 129) Demônios, bestas, feiticeiras, todo tipo de ideias místicas alimentava em você o imaginário do mal. Mais que *viver doente* (p. 115), estava também *perdido de si*.

Aliás, você sempre esteve, Artaud. Chamar-lhe de um nome e lhe supor um eu nunca passou de contingência, já que vive à beira, no abismo do desfazimento... Às vezes, este é o único possível de um corpo que conhece na pele a ideia de que “a carne é um peso difícil de se carregar.” (RILKE, 2013, p. 39) Por isso, vi operadas em você as transfigurações de que falava no início – e que você tanto quis ver no teatro através do duplo em sua ação mágica, e na vida – pois *não se atua, se age* (p. 174), este foi o seu murmúrio. Tamanha coragem a pintar os seus dias de escarlata, enquanto *você ainda está BUSCANDO o seu percurso...* (p. 67) *Sentindo e aceitando uma existência poética desajeitada, sem contestar*. (p. 22) Então, sem que eu lhe emitisse o chamado, você ouviu Ciane: “[...] fale comigo como um poeta viajante exilado de si.” (FERNANDES, 2009, p. 118) A propósito, *tenho um presente para você* (p. 56), o “CorpoAndarilho” de Sonia:

[...]

Dessa história o que não sabe não sabe

E já é mais do que o suficiente

O sonhador já se tornou o próprio sonho

Carrega então o que inventou

'gravura-sensação'

Impressa na pele do andarilho

Descansa e cansa ao mesmo tempo

Nas entranhas de uma rede inesgotável

[...]

Assim mesmo ainda anda

Nos seus medos líquidos e fluidos

Atê que de tanto andar

Não sinta os pés que sangram

Cidadão habitante da segunda alma

A rede inesgotável

Na totalmente noite que se desfaça em bruma

E então prescindia

De qualquer invenção como disfarce

(RANGEL, 2005, p. 74-75)

Haveria, eu, de lhe deixar aproveitar a oportunidade de se perder – ou de aprofundar essa *perda de si* –, *ocasião de encontrar a sua utilidade social* (p. 68), produzir sua *nova e verdadeira ciência* (p. 73), entoar a vontade esplendorosa que tem de que *um certo número de pessoas tomasse consciência de alguma coisa com você*. (p. 136) E muito você haveria de ensinar, já que *tem sua própria ideia do nascimento, da vida, da morte, da realidade, e da sorte, e não admite que se lhe imponham ou lhe sugiram alguma*. (p. 125)

É surpreendente a relação corporal que desenvolveu mediante seu estado de paralisia do pensamento e petrificação do corpo, em busca de um pensamento sem imagens, livre da representação, da significação, da forma, da razão; um corpo liberado dos automatismos institucionais, corpo informe, fluido, a fim de agenciar um autômato outro, nas ruínas da linguagem deteriorada, voz-rascunho, voz-ranhura, voz-resíduo. (UNO, 1980, 2012) Tudo isso lhe leva a uma atualidade tal capaz de nos fazer pensar em processos de decolonização do corpo.

Porém, a despeito dessa sua potência de difusão, você passou a não *mais* escon-
der que não suporta mais tudo o que tenha caráter de ciência, de conhecimento,
de noção, de lei, de regra, de tudo que seja uma interpretação humana das verda-
des ou das ausências, insuficiências, vazios e abismos naturais. (p.143) Tudo corrói
a massa palavra-imagem (p. 40), “palavras mal ditas e malditas” (LISPECTOR,
1970, p. 33), pronuncia Clarice em sua *aprendizagem*. Esta é a primeira vertente
das “imagens possíveis”, eu dizia, forjadas assim em im?possíveis.

Uma segunda vertente me remete ao ponto temporal em que nos conhecemos:
nossos espíritos amam as mesmas imagens, desejam as mesmas formas, as
mesmas aparições, fisicamente, organicamente (p. 61), você me declarou. Como
pude lhe amar tanto, ai de mim, e *lhe amaria apenas lendo suas linhas, mesmo*
antes de lhe conhecer. (p. 115) *Você tem o mesmo silêncio que eu*. (p. 60) Não
por orgulho ou vaidade, me alegrou a perspectiva que se abriu em sua vida após
o nosso encontro, *algo que poderia saciar uma vida inteira* (p. 61), *coabrindo, de*
um golpe, sua solidão sentimental infinita. (p. 59)

No entanto, por motivos outros, em seu *silêncio em SUSPENSE* (p. 63), não foi
sempre assim. Você guardou palavras para a *viva voz* (p. 58), que não chegou,
porque *os espaços infinitos que abrigavam nossas almas* (p. 60) nos desabriga-
ram, ao lhe fazer optar pela lonjura do *colapso e do transe entre duas peles*. (p.
104) Assim, me pediu recolhimento, pois *não há somente o amor nessa vida* (p.
45), foi o seu argumento, e disse eu não tenho do que me desculpar, pois atendi
fielmente ao pedido mais que apenas ouvi o conselho. Então você desconfiou
que *alguma coisa alterou bruscamente a afeição que lhe tenho*. (p. 91)

Ora, Artaud, trago em mim a miríade de sentimentos que você me causou; den-
tro dela, jamais trafegaram *males* quaisquer. Se padeceu de *angústia ao longo*
de toda a sua existência (p. 146), esteja certo de que o bem sempre lhe desejei,
e, se errei, a esse intuito me desviando, já lhe emiti minhas mais sinceras des-
culpas. Sou consciente de que também carrega em si uma miríade toda sua, na
qual transito. Não me cabe sequer entendê-la, apenas aceitar sua multiplicidade,
muitas vezes incoerente, estilhaçada, difícil de apreender e por isso incômoda.
O mundo é duplo e triplo (p. 71) – eu também sou. *Há o mundo oficial e o outro,*

cuja força transtorna toda oficialidade... (p. 71) Assim ocorre com as pessoas e não estamos fora disso.

Em quase todos os momentos, li suas cartas como se escutassem vozes e ruídos estridentes. Não me espantou que, condenado e enclausurado pela atitude de “homem de teatro”, ao ser solto, você declamasse, bem em cima de um palco, *coisas antiteatrais por meios extracênicos e antiteatrais* (p. 141). Me refiro à sua conferência no Teatro Vieux-Colombier, em 1946, sua prometida *ÚLTIMA aparição em cena*. (p. 140) Foi muito corajoso de sua parte se propor conferencista, mesmo se considerando um *homem que verdadeiramente saiu da tumba*. (p. 149)

Mas você partiu. Partiu sem *bramar e gritar furores vomitados dos seus intestinos* (p. 140), pois, em cima da hora, constatou a insuficiência daquela leitura, então quis apenas atirar bombas contra a plateia, mas, como não as tinha no bolso, melhor mesmo que se fosse. Como desejei estar lá para ouvir a emissão sonora vinda da estrofe que lançou sobre o público como um golpe! Já que *os golpes são a única linguagem que se sente capaz de falar...* (p. 141) Que a fale.

Por isso também não me foram surpresa as glossolalias que me enviou, grafia de sua própria (não) língua, em busca da liberação do corpo, do pensamento, sobretudo da linguagem, para que esta operasse como liberadora dos anteriores e assim tivesse um círculo virtuoso criado em torno do que você espera para a vida vivível (p. 132) – embora *haja em seu psiquismo uma espécie de vício fundamental que te impede de gozar daquilo que o destino lhe oferece*. (p. 48) Tudo isso diz respeito ao que eu disse *um dia num de meus livros, uma frase que ficou marcada toda sua vida* (p. 115), e ela fez de nós um mesmo e único corpo invivível, que, *quando dorme, não adormece, mas vive do lado do sonho*. (p. 115) A natureza desse corpo está amalgamada em sua premente *Vontade de Apocalipse* (p. 112), já que você “[...] jamais desiste de seguir seu trabalho singular sobre o apocalipse do corpo.” (UNO, 2012, p. 42)

A cada leitura-gesto que realizei, percorrendo sua escrita de vida através da vida de escrita (KIFFER, 2017), me deparei com uma espécie de *desabamento* (p. 31) que, por tantas vezes, duvidei suportar. Por isso a resposta demorou a chegar, porque *não escrevo senão o que sofri medida por medida do corpo* (p. 117) através de você.

Daí a importância de não ter me abandonado a correspondência nem mesmo quando da sua incursão ao México – e como pude imaginar sua frustração em ver publicados primeiro em espanhol, na França, seus artigos do original em francês... Também a censura da transmissão radiofônica no ciclo “A voz dos poetas” deve ter lhe abatido, mas não calou a sua voz de poeta, eu sei, pois é conhecedor da força de suas xilofonias vocais misturadas às instrumentais, vindas de instrumentos nunca antes tocados, que ousadia a sua!

Com uma espécie de presságio (absolutamente benigno), envio meus votos de que o “juízo” seja enfim transmitido, estarei a escutar. E peço que *me leia definitivamente*. (p. 149) Perto de mim, ao que me escapa, ao que me ocupa os dias, te escrever uma *carta humana* (p. 62), é o que esperei. *Queria muito que esta carta lhe lembrasse que o mundo continua* (p. 117), bem como sua obra, ainda que você não consiga acompanhar o alcance dela, beneficiando-se como desejou, ao invés de *continuar a parecer imitar a si mesmo enquanto os outros sugam o que pensou antes de todo mundo*. (p. 72) *Se quis fazer uma obra que servisse ao pensamento* (p. 79), conseguiu, *mesmo que seja* (ou pareça) *uma existência abortada* (p. 23) – espero que isso finalmente lhe alivie.

A você.

P.S. Como pude supor inicialmente, este inédito e sonhado encontro com você irrompeu a cronologia dos fatos. A vantagem é que eles já fazem parte da névoa também de sua memória.

Obra resenhada

ARTAUD, Antonin. *A perda se si: cartas de Antonin Artaud*. Org. Ana Kiffer; Trad. Ana Kiffer; Mariana Patrício Fernandes. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. (Col. Marginália)

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Ciane. A eternidade e um dia: memórias de uma tela em carne e letra. *Repertório: Teatro & Dança*, Salvador, ano 12, n. 13, p. 115-118, 2º sem. 2009. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/4020/2942>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

KIFFER, Ana. Carta-prefácio. In: ARTAUD, Antonin. *A perda se si: cartas de Antonin Artaud*. Org. Ana Kiffer; Trad. Ana Kiffer; Mariana Patrício Fernandes. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. p. 7-20. (col. Marginália)

LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1970.

RANGEL, Sonia. *Casa Tempo: poemas e desenhos*. Salvador: Solisluna, 2005.

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*. Trad. Paulo Rónai. 4. ed. São Paulo: Globo, 2013. (col. Biblioteca azul)

UNO, Kuniichi. *A gênese de um corpo desconhecido*. Trad. Christine Greiner. São Paulo: n-1 edições, 2012.

UNO, Kuniichi. La pensée sans images. In: UNO, Kuniichi. *Artaud et l'espace des forces*. 1980. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Vincennes, Universidade de Paris VIII, Saint-Denis, 1980. f. 7-63. Disponível em: <<http://octaviana.fr/document/174655657>>. Acesso em: 17 nov. 2017.

MARUZIA DULTRA: é Doutoranda do Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (DMMDC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb). Mestre em Artes Visuais pela Universidade de São Paulo (USP). Jornalista e bacharela em Comunicação Social pela UFBA. Atualmente cria vídeo-cartas (não) filosóficas como método no desenvolvimento de seu projeto de tese.